

A INTERAÇÃO DAS CRIANÇAS NAS BRINCADEIRAS DE FAZ-DE-CONTA

Ana Carolina Duarte¹

Débora da Roza Mello²

RESUMO

Discute-se neste trabalho, a importância da interação entre crianças numa creche pública de Florianópolis. E mais precisamente, como se manifesta a interação nas brincadeiras de faz-de-conta no interior da creche. Trazendo a importância do brincar de faz-de-conta para a contribuição e prática de uma efetiva interação entre crianças e seus coetâneos, entre adultos, entre espaços e objetos.

Palavras-chave: Interação, Criança, Brincadeira, Faz-de-Conta.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, discute-se uma experiência de estágio supervisionado, a partir da observação participante, da prática de registros e da elaboração de propostas de intervenção junto com as crianças e profissionais de uma creche³ regular de rede de educação pública do município de Florianópolis. Ele nasce de uma avaliação da oitava fase do Curso de Pedagogia, tendo por objetivo analisar as interações das

¹Graduanda – Curso de Pedagogia
Universidade Federal de Santa Catarina
E-mail: ac.duarte@terra.com.br

²Graduanda – Curso de Pedagogia
Universidade federal de Santa Catarina
E-mail: derozamello@ig.com.br

³ São chamadas creches no município de Florianópolis as instituições de Educação Infantil que recebem crianças de 0 a 6 anos, preferencialmente em período integral.

crianças nas brincadeiras de faz-de-conta. De onde surgiu este tema? Ele parte do foco discutido e eleito em conjunto entre acadêmicas, professora-orientadora e os profissionais de educação infantil da instituição onde se deu o estágio, “as interações nos momentos de parque e alimentação”, a partir dele, recortamos um pouco mais para dar visibilidade às brincadeiras e o faz-de-conta nestes momentos.

A inserção no campo de estágio teve o objetivo de aprofundar a leitura do real, problematizá-lo, construir reflexões e discuti-las entre o grupo de estagiárias sob a orientação da professora responsável pelo estágio e com os professores e coordenação pedagógica da creche, além de propormos algumas intervenções junto às crianças da instituição e profissionais.

Com base nos estudos realizados durante os seminários e encontros organizados pelas disciplinas da oitava fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina no Primeiro semestre de 2005, tivemos uma efetiva orientação e compreensão do processo de estágio, que se constituiu nas idas a creche com o intuito de observar as crianças e nessa tentativa de “captar” os sentimentos, as linguagens, as vozes, os movimentos, os gestos do universo infantil nesta creche, optamos por uma forma de aproximação e registro das representações das crianças sobre suas vivências com os espaços da creche, através de registros fotográficos e escritos.

Sendo assim, nosso contato com as crianças nasceu a partir de várias conversas, umas longas outras curtas e pelo envolvimento de atividades junto com elas. Como observadores participantes, estávamos interessados em registrar de modo cauteloso todas as partes (diferentes entre si) das informações, sabemos da impossibilidade de fazê-lo, pois o registro será sempre um recorte e um ponto de vista. Para talvez criarmos um conhecimento que pudesse ser “trocado, discutido, refletido”, sobre o que as crianças da creche nos mostram focando o nosso olhar para as interações das crianças nas brincadeiras de faz-de-conta; como acontecem essas interações entre criança-criança, criança-adulto, criança e os espaços e objetos durante as brincadeiras de faz-de-conta nos momentos de parque e alimentação? Ressaltamos que a vida na creche é rica e pulsante, e que podemos ao longo deste texto trazer episódios que vão para além dos espaços propostos primeiramente, que se apresentaram como ricos reveladores dos “modos de ser criança”. Nossa intenção primeira é à busca de subsídios para a construção de uma Pedagogia da Educação Infantil respeitosa.

Nossa aproximação com o Grupo do Primeiro Período já tem longa data. No dia 29 de setembro de 2004, foi realizada, das 14hs às 16hs nossa primeira visita ao futuro campo de estudo, a Creche Nossa Senhora Aparecida localizada na Rua Deputado Antônio Edu Vieira, bairro Pantanal, próximo a UFSC, na cidade de Florianópolis. Durante os primeiros meses de aula que antecederam a visita, debatemos e refletimos alguns textos para que tivéssemos um apoio teórico e ampliássemos nosso olhar de observadoras e pesquisadoras.

Essa caminhada constou de importantes etapas, uma delas baseou-se nas reflexões das observações que ocorreram nos dias 18/10, 19/10 e 20/10/2004, em seguida aconteceram encontros para refletirmos juntos tudo o que observamos, e novamente nos dias 03, 04, e 05/11/2004 retornamos a instituição onde ocorreram novas observações. Ainda nessa primeira etapa escolhemos a turma que gostaríamos de estagiar no próximo semestre, nossa escolha foi o Grupo do I Período, pois durante as observações foi o grupo que mais sentimos afinidade. Finalmente a segunda etapa, o Estágio II, que teve início no dia 29/03/2005 e término no dia 25/05/2005, sobre a qual estamos tecendo estas reflexões.

O Grupo que escolhemos, o Primeiro Período, neste ano de 2005 é formado por 20 crianças com idades entre 3 anos e 8 meses a 4 anos e 10 meses, dessas 18 permanecem na instituição em turno integral, exceto João Pedro e a Isabella que freqüentam apenas o turno vespertino.

Quadro – 3: Relação de crianças do Primeiro Período:

Carlos Eduardo Pereira	Integral	03/10/02
Carlos Eduardo Silva Agostinho	Integral	24/11/00
Débora Aparecida Schimitt Otharan	Integral	02/10/00
Ellen Cristina da Cunha	Integral	17/12/00
Emilli da Rocha	Integral	14/10/00
Fernanda Natividade Stank	Integral	10/05/01
Giovane Oliveira Correa	Integral	04/12/00
Habbi Laine Pedro	Integral	22/06/01
Ingrid do Padro	Integral	03/12/00
Izabella Lummerz Bertoldi	Vespertino	21/12/00
Jéssica Martins Sabino	Integral	18/12/00
João Pedro de Souza Patrício	Vespertino	29/11/00
Leonardo Kenebel Monteiro	Integral	22/07/01
Luan Felipe de Souza Appelt	Integral	14/03/01

Nathália da Silva	Integral	30/04/01
Nicolas Alexandre de O. Cardoso	Integral	08/08/00
Roger de Souza	Integral	05/03/01
Stefani dos Santos Moraes	Integral	20/08/00
Vinícios Costa dos Santos	Integral	07/01/01
William Bueno Kreusch	Integral	28/02/01
INTEGRAL= 18	MAT= 02	VESP= 02
MASC= 09	MASC= 02	MASC= 01
FEM= 09	FEM= 00	FEM= 01

Quem assume esta turma do Primeiro Período é a professora Gisele Feijó de 23 anos de idade que cursa Pedagogia na UNIVALI, atua como professora de educação infantil há 3 anos, nesta instituição apenas dois meses, onde trabalha semanalmente 20 horas. E Giovane Pedro de Souza de 37 anos de idade é o professor auxiliar, tem curso incompleto de Teologia, Filosofia e completo de Pedagogia a Distância pela UDESC, atua na educação infantil há 8 anos nesta instituição trabalhando 30 horas semanais.

Compreendemos o importante papel do espaço nas relações educativas, como é, então, a sala do Primeiro Período? Vindo por um corredor não tão extenso do salão encontra-se a sala do Primeiro Período do lado esquerdo de quem entra no corredor. Ao passar pelo corredor, podemos nos deliciar olhando alguns “desenhos”, produções das crianças. Dentro da sala, há uma mistura alegre de cores, paredes, móveis, brinquedos, crianças e adultos formando um colorido que demonstra o movimento, o som, o silêncio, a música, as falas, enfim, a vida.

Quando ficamos de costas para a porta (atrás dela um porta-sapato), vê-se do lado direito uma passagem que vai para o banheiro coletivo que é compartilhado pelas crianças do Primeiro Período e Maternal II. Com relação ao banheiro, passando pela porta que dá acesso a ele, ao pararmos ainda de costas para a sala, olha-se para o lado esquerdo e vêem-se dois vasos sanitários, atrás deles existe uma parede de concreto que divide os outros dois vasos. Agora de frente para a entrada dos sanitários, vê-se uma lixeira perto do vaso esquerdo e uma escada encostada na parede perto do basculante. Saindo deste canto, e de costas para os vasos sanitários, vemos a pia (comprida) que comporta cinco torneiras. Nela estão cinco pratinhos (brinquedo) que serve se saboneteira. Na parede há um espelho grande e comprido. Na extremidade das paredes que separam o banheiro das salas, existem portas-toalhas de papéis que estão desativados. Abaixo destes, existem

ganchos que servem de porta-toalhas. Ao virarmos e ficarmos de costas para a pia, vemos a parede que sustenta a separação dos vasos sanitários, nela existem dois portas escovas de pano, sendo um do Primeiro Período e outro do Maternal II. Já olhando para o nosso lado esquerdo, há uma prateleira que acomoda os colchões, que está no alto, não no alcance das crianças, há duas mesas com 4 cadeiras cada uma, fixado na parede temos ganchos com as canecas personalizadas de cada criança e uma prateleira com o filtro de água. Quando falamos personalizadas, é que cada uma contém o nome das crianças e uma figura de animal diferenciando umas das outras. Ao lado do filtro um quadro de avisos e em seguida um relógio, não ao alcance das crianças. Abaixo do filtro de água fica um lixeiro que às vezes serve de “para água”, quando alguma criança deixa a água derramar. E acima das canecas, uma prateleira que guarda as agendas das crianças, também fora do alcance das mesmas. Há também, prateleira ao alcance das crianças onde acomoda materiais didáticos, como lápis de escrever, de cor, hidrocores, régua, borrachas, cadernos e folhas brancas. Neste lado esquerdo da sala, há um armário guardando o material dos professores e também outros recursos, como maquiagem, esmaltes, tintas guache, livros... Ao seu lado duas cestas uma sobre posta à outra, que ficam brinquedos como bonecas, bichos de pelúcia... onde as crianças estão sempre visitando. Atrás desse armário e cestas, há o cantinho da cozinha, com fogão, pia, mesa, um carrinho com objetos de limpeza (vassoura, rodo e pá), servindo de parede para demarcar esse cantinho, possui um armário aberto com divisórias que serve para guardar as louças. Ao lado oposto desse armário, fica o cantinho com carrinhos, bonecos.

Olhando agora para o lado direito, há um armário e uma prateleira verde de alumínio, na segunda, acomoda os brinquedos, jogos, alfabeto de letras, números, potes com miniaturas de animais, bonecos e carrinhos, a penúltima prateleira para algumas crianças menores dificulta o movimento de explorar esses brinquedos, e na última prateleira, acomoda duas caixas que ficam materiais produzidos pelas crianças. Nesta prateleira ainda fica sempre um rolinho de papel higiênico para eventuais limpezas higiênicas, porém, não ao alcance da criança. Já com relação ao armário verde, este guarda matérias como livros de histórias, fitas de vídeo, CDs, e em cima dele, outras caixas e um chapéu de bruxa e outros de caubóis, não ao alcance das crianças.

Na frente deste armário encontra-se um tapete grande, que por sinal tem uma coloração muito convidativa para se sentar nele, ou seja, ele se faz nas cores rosa e amarelo fortes. Sobre ele estão uma almofada comprida como se fosse um enorme retângulo, um jacaré de pano e na parede de frente para o tapete, há uma prateleira de pano, com bolsos grandes, para armazenar alguns livros. Acima dessa prateleira, encontra-se o ventilador.

As crianças do Primeiro Período que permanecem na creche em período integral são recebidas pelos professores a partir das 07 horas da manhã, com exceção das que freqüentam apenas o turno vespertino, a Isabella e o João Pedro que chegam às 13 horas, horário também de troca de professores e auxiliares. Os responsáveis pelas crianças começam, geralmente, buscá-las a partir das 17 horas estendendo-se até as 19 horas, horário de encerramento das atividades da creche.

Assim como em algumas instituições de Educação Infantil, percebemos que no cotidiano dessa instituição o tempo e os espaços tanto dos adultos quanto das crianças também estão organizados em torno das atividades de rotina, as crianças são levadas a desenvolver ao mesmo tempo, ou não mais, e no mesmo espaço, uma mesma atividade proposta pelas educadoras.

As observações do cotidiano das crianças do Primeiro Período da Creche Nossa Senhora Aparecida, mostrou claramente uma rotina, onde as crianças após o almoço podiam dormir, no chão da sala onde eram colocados colchões, as que não queriam dormir ficavam brincando, aos poucos as que se acordavam também iam brincar algumas vezes nos deparamos com crianças dormindo enquanto outras corriam pela sala, o barulho parecia não perturbar aquele sono gostoso.

Depois deste momento, as crianças eram convidadas a irem para o salão lancharem, para isso, respeitava-se o tempo pré-determinado das 13 horas e trinta minutos às 14 horas, porém, quando necessário, alguma criança poderia fazer seu lanche mais tarde. Quase sempre as crianças faziam o lanche no salão, raras vezes eram realizadas em sala. As crianças não se serviam sozinhas, quando chegavam ao salão já estavam preparados os alimentos, onde estes eram servidos pelos educadores. Quanto ao cardápio, este era variado, existiram dias em se serviam para as crianças bolo com suco, bolachas com achocolatado ou vitamina, frutas (maçãs, laranjas, mamões e bananas cortadas) ou mingau.

As atividades, ditas dirigidas, eram realizadas geralmente após o lanche, algumas vezes coletivas, onde participava todos os grupos da creche, como

podemos acompanhar no fragmento de registro:

“Hoje a tarde foi de atividades coletivas, no salão central estava o Geovani montando um palco com mesas, uma escada, microfone e som ele organizava as atividades naquele local, acompanhava as crianças tocando violão, no início tinham umas dez crianças que foram aos poucos saindo e se dirigindo para outros espaços da creche, o principal motivo era que aquela atividade de Karaokê oferecida no salão do refeitório já era de rotina das crianças, essa atividade é muito presente no dia a dia das crianças na creche, as outras atividades proporcionadas nos demais espaços algumas eram novidades. Na quadra em frente à creche, o som tocava as músicas do Boi de Mamão e as fantasias e bonecos também estavam disponíveis ao alcance das crianças para brincarem livremente.”

(Registro do dia 05/05/2005, Débora)

Outras atividades eram organizadas individuais por grupos em sala, na quadra ou no parque, tais como:

“... na sala as crianças estavam sentadas no chão ao redor do professor Geovani que contava uma história, “Urso Otto”, eles estavam atentos e curiosos com o desenrolar dela, alguns faziam perguntas.

— Ele não tem mãe?

Nesta parte da contação história o urso era acordado pelo passarinho, mas a Débora queria saber por que é que não foi à mãe dele que o acordou para ele ir pra escola, creche, o Giovane trazia para a realidade deles alguns acontecimentos.

Ao terminar as crianças bateram palmas e pediram para contar outra, mas eles dois grupos, um foi para o refeitório recortar gravuras de revistas que demonstrem amizade, os que ficaram na sala ganharam uma folha A4 em branco com o nome de cada um em uma das bordas, e a professora Gisele foi explicando para eles passo a passo como aplicar a técnica de desenho com cola colorida, era simples eles tinham que dobrar a folha ao meio, depois desdobra e em cima do risco que ficou no centro dela, deveriam pingar algumas cores de cola colorida que escolhessem, fechar a folha, passar a mão e abrir, saíram desenhos bem legais, cada um tinha que dizer o que estava desenhado e nos íamos escrevendo. As crianças que terminavam essa atividade iam para o refeitório fazer a do recorte.”

(Registro do dia 20/04/2005, Débora)

Após as atividades realizadas em sala e antes da janta as crianças iam brincar no parque. Localizado nos fundos e nas laterais da Creche Nossa Senhora Aparecida, o parque, é um local cercado, por muros altos para as crianças, mas não impossíveis de serem escalados por elas, esses foram muitas vezes explorados, algumas subiam com a ajuda de outras, às vezes sozinhas, em algumas situações eram retiradas pelos educadores, que explicavam o perigo de uma queda daquela altura, mas o fato de conseguirem subir, e ver do outro lado as fascinava, negando qualquer medo.

O espaço era grande e arborizado, com areia para brincarem, brinquedos, balanços, escorregadores, casinhas, gangorras eram feitos de madeira, todos bem coloridos. Existem duas casinhas, uma com escada para subir, uma pequena passarela para chegar até ela e um escorregador para descer, a outros balanços em baixo, corda para se embalar e também um escorregador. Próximo de uma das casinhas estavam às gangorras, em seguida uma enorme árvore com uma corda amarrada e nela alguns nós onde as crianças se agarravam e se embalavam, uma cena que lembrava os movimentos do “Tarzan”, existem mais duas outras árvores também com corda, mas aquela era a preferida.

Brincavam em duplas, trios, pequenos grupos, sozinhos entre idades diferentes, participavam das brincadeiras crianças de todas as idades, não havia direcionamento das brincadeiras, as crianças ficavam livres para escolher do que brincar, a intervenção mais recorrente adulta aqui era a de organizar o tempo de permanência delas naquele ambiente e também atenção e cuidado. Segundo Faria (1999: 70):

“... o espaço físico de qualquer tipo de centro de educação infantil precisa tornar-se um ambiente, isto é, ambientar as crianças e os adultos: variando em pequenos e grandes grupos de crianças, misturando as idades (...) melhorando as condições de vida de todos os envolvidos, sempre atendendo às exigências das atividades programadas, individuais e coletivas, com ou sem a presença de adulto (s) e que permitam emergir as múltiplas dimensões humanas, as diversas formas de expressão, o imprevisto, os saberes espontâneos infantis.”

À hora do parque tinha um tempo pré-determinado, era o momento em que as crianças se soltavam, explorando todo o espaço, as relações entre elas e o meio, o fluir do imaginário, do brincar, do faz-de-conta...

Após este momento no parque, as crianças voltavam para as salas, onde acontecia à higiene, elas lavavam as mãos e sentadas na roda no tapete, cantavam, ouviam histórias ou ainda, eram convidadas a brincarem, enquanto um dos professores arrumava o salão para que as mesmas pudessem ir jantar. No salão, ao centro havia duas ou três mesas juntas umas das outras, formando uma grande mesa comprida, onde acomodava os alimentos, os pratos e talheres. As crianças aqui diferentemente do momento do lanche, serviam-se sozinhas, ao chegarem ao salão, formavam uma fila respeitando o momento de cada criança se servir. Ao se

servirem, estas procuravam uma mesa onde pudessem jantar. Ao redor desta mesa comprida e central, existiam mesas individuais com quatro cadeiras ou mais e outras mesas juntas, sempre no máximo duas. Neste momento da janta, muitas vezes as observamos ao mesmo tempo em que comiam, brincavam aleatoriamente. Inventando maneiras de viver este momento através de sua ludicidade, espontaneidade e simultaneidade. Podemos verificar no fragmento de registro do dia 12 de maio:

...depois da higiene, se dirigem até ao refeitório para jantarem. Dirijo meu olhar para uma mesa onde estão sentados, William, Roger, Ellen, Habbi e Jéssica. Roger levanta-se e coloca seu prato sob a mesa e vai para a sala. Habbi leva o cabo do garfo na boca, passa nos dentes fazendo barulho, enquanto Ellen fala algo para a mesma. Ellen sorri agora Habbi fala: "Vou colocar meu garfo aqui!" (aponta com a mão para as axilas).

Levanta-se e vão ver o bebê que está indo embora, olham sorriem para ele e voltam a sentar-se à mesa. Habbi começa a brincar com a comida, e diz:

"Agora eu vou cantar: marcha soldado, cabeça de papel..."

Habbi não termina de cantar a música toda, e leva o garfo até a boca cheio de comida, mastiga. Ellen também leva seu garfo até a boca, retira-o e traz até o prato, aqui como bate com ele dentro do mesmo, o feijão respinga em seu braço, ela pega seu garfo e raspa o feijão. Levando o garfo até a boca. Agora pega seu prato e leva ele na boca, comendo ou parecendo beber o caldo de feijão que ficou no prato. Depois coloca o prato na mesa e mostra seu braço com um curativo, onde foi tirar sangue. Ela fala:

"Eu sou forte, nem chorei!"

Aqui, William sai da mesa e vai sentar com um grupo de meninos. E Ellen levanta-se a vai se servir novamente. Volta senta-se à mesa e remexe a comida em seu prato. Habbi termina e leva seu prato, volta e vai para a mesa ao lado comer maçã. Ficam na mesa apenas Jéssica e Ellen. Jéssica se levanta e também se serve. Volta a comer, enquanto isso seu pai lhe espera. Ela e Ellen comem, falam, olham para os lados. Agora Ellen começa a comer muito rápido, e come tudo, leva seu prato e volta para comer maçã, Jéssica ainda come, Emilli e habbi trazem o prato de maçãs e sentam junto das duas meninas. Termino minha observação aqui, Jéssica vai embora, as meninas mastigam a maçã e vão para a sala.

(Registro 12 /05/05, Ana Carolina)

Ainda para ilustrar esse momento trouxemos uma foto onde mostra esse momento das crianças na janta:



Ao terminarem a janta, as crianças voltavam para a sala e nela, dirigiam-se ao banheiro para escovar os dentes. Aqui as crianças brincavam enquanto faziam à escovação dos dentes, interagindo com o espaço, os objetos (pratinhos que serviam de saboneteira, sabonetes, torneira e água...) e com seus pares, ou ainda, com crianças do Maternal II. Quase sempre as crianças realizavam esta atividade sozinha, sem a presença do adulto, este por sua vez ficava fora do banheiro orientando as crianças que chegavam do salão. Geralmente as crianças tinham a liberdade e pegarem suas escovas de dente e o “líder” (criança eleita para ajudar o professor por dia) sentado em uma cadeira segurando a pasta de dentes, colocava esta na escova das crianças, ao momento em que estas chegavam para efetivar a escovação. Existia certa autonomia das crianças, nesse movimento de ir e vir. Observamos este fato no recorte seguinte:

“... escovação das crianças do 1º Período, fiquei olhando o Leo , que pediu para o Carlos colocar creme dental na sua escova, depois ligou a torneira, molhou bem e a levou na boca, com ela parada ele falava ao mesmo tempo, a espuma escorria pelos cantos da poça e molhava a blusa, ele ria e conversava assim mesmo com a escova dentro da boca, falava com a Emilli.

— A minha escova é igual a tua.... Eu sou o Super Homem sabia?

Apontando para o desenho do super Homem em sua camiseta, ela colocou a escova na boca e não falou com ele, então ele parou de falar e levou a escova para e a esquerda , depois a direita da sua boca, cuspiu, bebeu água, e ficou brincando de molhar a escova e chupar a água, só parou quando eu ao vê-lo molhando camiseta pedi para que secasse o rosto e fosse para a sala. O Willian também chupava a escova em vez de escovar corretamente e dança ao mesmo tempo..

Willian: — É boa, é de morango.

Falava e escovava os dentes, depois começou soprar e fazer espuma:

— Olha faz espuma!

Ao lado dele o Giovane mostrava para o Luan como é que se devem escovar os dentes:

— Oh! Luan faz assim.

E colocava a escova nos dentes superiores trazendo a escova até os inferiores, o Luan olhava prestava atenção e imitava o Giovane, escovaram só os dentes da frente cuspiram, secaram a boca, guardaram as escovas e foram brincar.”

Com relação ainda sobre a rotina destas crianças no interior da creche, no momento da educação física, esta era realizada em conjunto com todos os grupos da creche. No espaço externo (em dias ensolarados) montavam-se várias atividades ou espaços temáticos, como o canto dos bonecos, o canto da casinha de bonecas, o chapéu da bruxa (tipo de tenda pendurada nos galhos das árvores, que estimulava a fantasia, o faz-de-conta), a piscina e outros objetos de espuma, as redes, o canto da

pintura no corpo entre outros. Os cantos eram modificados, surgindo outras atividades novas. Este momento da atividade integrada de educação física tinha como objetivo fazer com que as crianças dos diferentes grupos interagissem entre si. Em certos momentos observamos esta tentativa de interação ocorrer. Observamos também que toda a instituição estava movida em proporcionar as crianças momentos de interação entre os diversos grupos. Para finalizar a descrição da rotina presenciada por nós desta instituição de educação infantil, ocorria o momento da despedida, já no final do período vespertino, onde as crianças se misturavam entre os outros grupos, indo participarem de atividades no salão, ou mesmo permaneciam dentro da sala ou ainda, se deslocavam para o espaço externo da creche, como o parque. Essas atividades eram preparadas cuidadosamente, onde se montavam às vezes, cantos com brinquedos de encaixe, massa de modelar, bonecos... Conforme a foto:



Para iniciarmos a conversa sobre o nosso tema “as interações das crianças nas brincadeiras de faz-de-conta” primeiramente temos que conhecer quem são os sujeitos dessa pesquisa: as crianças, e suas infâncias. Entende-se que a infância não é somente uma fase biológica da vida, mas uma construção cultural e histórica. É o resultado da construção realizada através das relações sociais estabelecidas. Portanto, a diversidade de concepções é evidente. Não podemos dizer que há um conceito único de infância e de criança, pois as diferentes culturas nas diferentes épocas influenciaram diretamente na construção deste conceito. No decorrer da história o significado e o tratamento para a infância foram se modificando. Como diz

SARMENTO: *“... crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social, existe desde os séculos XVII e XVIII...”*. (1997: 10)

Segundo Ariès, até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la, no mundo das fórmulas românticas, até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI.

O conceito, ou melhor, a preocupação com o que é infância, quem é a criança, é relativamente nova. O sentido de infância está intimamente relacionado ou associado a condicionantes políticos, econômico e social. Na Idade Média, bebês e crianças pequenas não existiam socialmente, não tinham um espaço na sociedade, pois não trabalhavam, não participavam da vida ativa, pois não serviam como mão-de-obra, na concepção dos camponeses. Já as crianças filhos de nobres, eram consideradas como "adultos em miniaturas", eram educadas desde cedo para o futuro. É no início do século XVI que os nobres começam a ver suas crianças como "criaturas" especiais e com necessidades específicas. As camadas mais baixas continuam sem um conceito mais elaborado sobre suas crianças. Com a Revolução Industrial, as crianças passam há ficar muito tempo sozinhas dentro de casa. A situação de miséria era grave. No entanto, houve uma diminuição da mortalidade infantil devido ao controle de epidemias.

Só a partir do final do séc. XVI, com as transformações econômicas e políticas, e o surgimento da sociedade capitalista, que as mudanças de concepções com relação à infância são notadas, tendo como estudioso Comenius (1592-1670), que valorizava a criança como ser que possui características, vontades e necessidades próprias apontando a urgência de se utilizar materiais e atividades diferentes, de acordo com os estágios pelos quais as crianças passavam. Logo em seguida, destaca-se Rousseau (1712-1778), que insistia na necessidade de se respeitar o ritmo de cada criança e suas vivências. Os aspectos biológicos e a natureza de cada criança eram considerados como fatores muito importantes que ainda hoje se encontram influenciando no processo de desenvolvimento.

A criança nos mostra que seu mundo é bastante heterogêneo, estando em contato com diversas realidades diferentes umas das outras, onde acaba conhecendo valores e estratégias que favorecem para a construção de sua

identidade tanto pessoal quanto social. Quando falamos em realidades, nos referimos as instâncias familiares, as relações educacionais, as relações de pares e todas as relações que se estabelecem ao seu redor. Assim, esse crescimento que surge desse contato, se dá através eminentemente da interatividade. Mas, antes de tudo, as crianças crescem umas com as outras, dentro de espaços que favoreça a partilha, a troca, as interações e nesse caso a creche.

Atualmente encontramos estudos e pesquisas que se preocupam e se interessam em pesquisar a interação entre crianças no interior das instituições de educação infantil, por acreditarem que junto com seus pares, podemos conhecer e desvendar qual a constituição de infância moderna, que cultura as crianças produzem. Como nos mostra os estudos de Manuela Ferreira (2004) em seu texto: Do “Avesso” do Brincar ou... as Relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil e a Construção da (s) Instituinte (s) das Crianças no Jardim-de-Infância. Dessa maneira, com base no foco de nosso estágio “As interações nos momentos de parque e alimentação”, e mais especificamente ao recorte que fizemos: “A interação das crianças nas brincadeiras de faz-de-conta”, tentamos trazer para a discussão e reflexão, esse momento do brincar como um fator que contribui para interação.

As crianças se apropriam, recriam e reproduzem o mundo que as cerca através da cultura de pares. Referimos-nos a cultura de pares todas as atividades, valores, idéias elaboradas pelas crianças, socializadas nas interações com seus pares. A convivência e permanência das crianças umas com as outras na creche, através da rotina, do brincar, da realização de atividades favorece a troca de tempos, ações, emoções e reapresentações que se fazem necessárias para o entendimento do mundo, fazendo parte do crescimento.

E nessas suas ações, percebemos e nos encantamos com essa capacidade criativa que as crianças mostram ao brincarem de faz-de-conta. E aqui, a interação que estabeleciam entre si, com espaço, objeto e com os adultos.

Para isso, sentimos a necessidade de discorrer sobre a importância da brincadeira de faz-de-conta para o crescimento da criança, já que ela esteve presente na maioria dos nossos registros como podemos verificar abaixo:

“... apareceu muito da imitação nas observações de hoje, e tenho percebido que ela está presente em quase todas as outras, isso vem aguçando o meu olhar para esse mundo

fantasioso onde elas criam, ressignificam, dão novo sentido, utilidade a objetos e espaços, um mundo altamente lúdico.

O Luan imitou um sapo, a Emilli a Ana Carolina com o seu bloco de anotações, a Habbi a professora contando história, a Nathália uma mãe..... São inúmeros momentos que descrevem as crianças imitando, brincando de faz-de-conta.”

(Registro dia 12/04/2005, Débora).

A essência do "faz-de-conta" é, conforme o que demonstram os resultados das investigações conduzidas por Vygotsky (1984), à criação de uma nova relação entre o campo do imaginário e o campo da realidade por parte do sujeito. Sendo assim, conforme Vygotsky (1984: 12),

“Todos conhecemos o grande papel que nos jogos da criança desempenha a imitação, com muita frequência estes jogos são apenas um eco do que as crianças viram e escutam aos adultos, não obstante estes elementos da sua experiência anterior nunca se reproduzem no jogo de forma absolutamente igual e como acontecem na realidade. O jogo da criança não é uma recordação simples do vivido, mas sim a transformação criadora das impressões para a formação de uma nova realidade que responda às exigências e inclinações da própria criança”.

A representação lúdica de natureza dramática, subjacente ao faz-de-conta, concorre para que: a ação ocorra na esfera da imaginação, desenvolvendo-a; sejam fortalecidas as intenções voluntárias e a consciência da criança; constituam-se e se diferenciem os planos da realidade e da fantasia o valor e sentido das relações culturais e dos papéis sociais nelas enredados possam ser internalizados.

Agostinho em sua dissertação de Mestrado em Educação (2003), “O Espaço da Creche: Que Lugar é este?”, nos conta sobre os estudos de Corsaro, no qual:

“... analisando crianças pré-escolares do seu brincar ao faz-de-conta sociodramático⁴, nos traz um episódio, “a fazer gelado”. Nele as crianças resolvem o problema do derretimento do sorvete recorrendo ao faz-de-conta, tornando o sorvete deles especial, porque não derreterá “mesmo que fique ao sol durante muito tempo”. Esclarece assim, que as crianças quando brincam não só imitam o mundo adulto mas também inovam Agostinho (2003:84).”(nota de rodapé da autora)

⁴ Para o autor, o brincar sociodramático é aquele em que as crianças “produzem colaborativamente actividades de ‘faz-de-conta’ que estão relacionados com experiências das suas vidas reais..., por oposição aos jogos de fantasia baseado em narrativas de ficção”.

Ao observarmos atentamente o modo como as diferentes crianças brincam, é possível perceber que os usos que fazem dos brinquedos e a forma de organizá-los estão relacionados com seus contextos de vida e expressam visões de mundo particulares. Quanto mais as crianças vejam, ouçam ou experimentem, quanto mais aprendam e assimilem, quanto mais elementos reais disponham em suas experiências, tanto mais densa e rica será sua imaginação.

A creche pode e deve reunir todos esses fatores e o papel do professor nesse processo é fundamental. E mais fundamental ainda, é o de observar essas crianças, para conhecê-las e somente assim poderemos proporcionar a elas os espaços e momentos adequados para que tudo isso aconteça e que sua infância seja rica de imaginação, fantasia, descobertas e redescobertas.....

O registro do dia 20 de abril nos mostra um pouco dessa imaginação:

“O Willian se aproxima com um balde cheio de areia joga dentro de um tubo de cimento, não dá muita importância para o grilo e fala para a professora Vera:

— Oh Vera eu to fazendo lingüiça.

O Nicolas pegou uma pá e começou a tirar para fora do tubo a areia colocada pelo Willian.

Willian: — Olha Dudu o Nicolas, ele ta robando o carvão!

Dudu: — Não Nicolas! É para o churrasco!

O Nicolas parou de pegar a areia “carvão”, da churrasqueira do Willian e começou a pegar do chão, o Dudu foi até ele:

— Nicolas vamos fazer churrasco na minha casa?

Willian: — Tu quer carne pro?

Eu: — Quero, adoro churrasco.”.

(Registro do dia 20/04/2005, Débora)

As crianças também ressignificam e dão outras funções aos objetos. Percebemos que através do lúdico as crianças podem inventar, criar, aprender, elaborar... Assim, conforme as belas palavras de Coutinho (2002: 13): *“A imaginação infantil é capaz de transformar, de recriar, de ressignificar a partir do que há no real. A cultura e a sociedade disponibilizam conhecimentos que impreterivelmente chegam até a criança, no entanto o seu jeito de olhar e ressignificar as informações permite que ela vá além, que ela crie...”*. Foi o que fizeram Roger e William ao utilizarem a lagosta de plástico para criar um cortador de grama e fazendo uma (re) interpretação das ações dos adultos. Como vemos no fragmento de registro:

“Agora no parque, outra vez sou convidada a observá-los mais de perto já que sua brincadeira se faz novamente do fantasiar. William vem com Roger perto de mim, estou

encostada no muro, e eles trazem uma lagosta de plástico. William fala para Roger ao pararem ao meu lado:

“Oh, o cortador de grama!”

Tento não interagir, deixá-los que brinquem sem que me percebam ali ou ainda, que minha presença faça com que a essência da brincadeira se perca. William passa a lagosta na grama fazendo que está cortando-a. Por um instante, correm atrás de João Pedro, que esta brincando me parece de pega-pega. Roger agora segura o cortador de grama, a lagosta, eles chegam perto de mim e Roger diz:

“É um cortador de grama sabia? Vamos cortar grama.”

Eu: “Vocês vão cortar grama?”.

William pega a lagosta e começa a arrancar algumas folhas de grama, dizendo que é assim que se corta. Roger observa os movimentos de William.”

(Registro dia 12/04/2005, Ana Carolina)

Tão fabulosas e ricas são as imaginações das crianças, elas hora são mãe, hora são filhos, filhas, policiais, bandidos e muitas outras figuras, dão vida a objetos, criam lhes novas funções, como mostra o fragmento do registro:

“Ainda neste momento, William está segurando a ponta do barbante e Roger segue o papel do boi. Começo a observá-los e a caminhar junto deles. Por um instante William olha para mim e diz:

“Sabia que esse é o boi Brasino?”.

Eu: “Não, ele tem nome é?”.

William: “Sim, é Brasino!”.

Eu: “Que legal! Bonito nome!”.

Fico sentada no cano de cimento observando o que eles estão fazendo. Percorrem o parque, correndo, dando voltas. Os dois parecem estar envolvidos plenamente na brincadeira. Roger (boi Brasino), para e não quer mais andar. William puxa a corda com força e Roger movimentando os pés como se estivesse/fosse dar um coice. E saem correndo. Eles vêm ao meu encontro e William fala:

“Você quer segurar meu boi?”.

Eu: “Posso? Mas ele não é bravo?”.

William: “Não, é só segurar com bastante força tá?”.

Eu: “Tudo bem!”.

William: “Oh, pega a corda e não solta da árvore!”. Aqui William sai e dá uma volta pelo parque, passa pelo escorregador e volta.

William: “Agora eu vou pegar o boi Brasino, vou levar ele.”.

Eu: “Para onde? Você é o dono dele?”.

William: “Sim, esse boi é meu. Vou matar ele!”.

Eu: “Porque você vai matar o Brasino?”.

William: “Porque sim né!”.

Aqui Roger se desfaz de seu papel e diz que não quer ser morto. William explica que é de “mentirinha”, mas mesmo assim, ele não aceita e vai para a casinha. William parece que não ficou contente, pois fica enrolando o barbante no galho da árvore que Roger deixa no chão. Sugiro que William faça o papel do boi e peça para Roger agora ser o dono do boi. Assim William vai até Roger e diz:

“Você quer ser meu dono? Agora vou ser o boi.”.

Roger: “Ta bom! Eu quero.”.

William: “Oh toma a corda!”.

E os dois saem correndo, alguns meninos do grupo misto brincam também de boi, utilizando uma corda igual à de William e Roger. Agora no cercado de madeira, alguns meninos do grupo misto amarram a ponta do barbante nas toras de madeira, como se estivessem colocando o boi para descansar. William e Roger se aproximam e entram no cercado. Falam

algo com um dos meninos em seguida William e Roger amarram a corda em uma das toras também. Nesse momento um menino entra no cercado com um caminhão (Guilherme), os meninos do grupo misto pedem para ele sair, pois não pode ficar onde os bois estão ele meio que insiste por um momento, mas acaba saindo. William e Roger saem. William ainda no papel do boi é guiado por Roger que vai para debaixo do escorregador e amarra a corda na rede. William dá 2 puxões na corda tentando fugir, Roger diz para ele ficar quieto, mas William continua e foge. Roger fala:

“Eita, o boi fugiu vou pegar ele!”.

Roger corre atrás dele até alcançá-lo e dá novamente o galho de árvore para William segurar. Ele toma o galho e volta para debaixo do escorregador. De repente a brincadeira acaba, quando Geovani propõe as crianças para irem apanhar goiabas. Os dois saem e juntam-se na “colheita de goiabas”.

(Registro do dia 30/03/2005, Ana Carolina)

Para Brougère (1999), na brincadeira de faz-de-conta se estabelece uma forma de comunicação que pressupõe um aprendizado, com conseqüência sobre outros aprendizados, pois ele permite desenvolver um melhor domínio sobre a comunicação, abrindo possibilidades para a criança entrar num mundo de comunicações complexas, distinguindo realidade, invenção, imaginação, etc. No registro do dia 19 de abril, essa instância criadora se destaca durante aquela tarde de observação:

“... lá no parque as crianças estão a mil. Umas correm, outras descem e escorregam no escorregador, gritam, correndo de um tal de monstro, caem, choram, riem, falam, e nada mais nada menos, vêem em minha direção e me agarrando um menino, o Giovane, tentando escapar da baleia. Vê se pode! Que coisa né? Até a baleia apareceu na creche. Logo atrás dele chega Luan, aos gritos e se esperneando dizendo pra subir no cano já que a baleia está bem atrás dele. Giovane já está em cima do cano, ajudo Luan também a subir, e eles me ajudam. Já que entrei na brincadeira lá vamos nós. Nós três tentando escapar da baleia gulosa, que faz de tudo para comer os meninos. Eles comentam isso quando pergunto o motivo de eles estarem fugindo dela:

Giovane: “Ela quer comer!”.

Luan: “Ela é gulosa Carol!”.

De repente, saem correndo, um atrás do outro, eu fico, ainda no em cima do cano. Observando os dois, estes correm em torno dos brinquedos, como escorregar, casinha, balanços, e ao voltarem sobem no escorregador e voltam para perto de mim, Luan fala:

“Ai, ai! Ai meu pé!”

Aos gritos agora sobe no cano, Giovane, logo chega atrás dele, e também sobe. Parecem estar cansados, mas não param não, eles só sobem no cano, e logo já saem correndo e desviando dos obstáculos para não serem pegos pela baleia. Agora giovane chega primeiro, desesperado porque a baleia está quase lhe pegando. Sobe rápido no cano e diz para Luan:

“Anda Luan, ela esta bem ai!”

Ao chegar Luan suspira e Giovane parece não querer descer ainda, já Luan, levanta-se e fica em pé no cano, olha para o chão e pula gritando e esperneando. Parece que, a baleia esta quase lhe pegando, e jogado ao chão levanta-se e vai até a casinha da uma volta e sobe na corda. Lá desce e vai até o escorregador aos gritos:

“Ai, ai!”.

Voltam para o cano, aqui Giovane sobe primeiro, e Luan esbarra no cano e parece arranhar seu braço, ele sobe e Giovane diz:

“Deixa eu ver Luan!”.

Luan mostra seu braço e está tudo bem, não machucou, eles se agarram em cima do cano e dizem estar com medo da baleia. Saem os dois correndo, e sobem na casinha, Luan sobe primeiro, e diz:

“Eu vou me esconder!”.

Giovane sobe também, agora pela corda, fica pendurado, e Luan já tem descido, aqui Giovane começa a gritar muito alto, as crianças que passam perto dele olham pensando que ele tivesse se machucado. Luan estava de costas para ele, e ao ouvir seus gritos e já perto de mim diz,

“Ele é maluco, como ele grita!”.

Volta correndo se esperneando para perto de Giovane, aqui Luan cai, parece bater com a boca, levanta-se e só o ouço falar:

“Ai, ai, não machucou não!”

(Registro do dia 19/04/2005, Ana Carolina)

Encanta-nos esses seus “inventares”, parece que tudo faz sentido para eles. Além disso, essa troca que acontece entre elas, ou melhor, sua interação. Voltando na questão da capacidade criadora, dessa dimensão imaginária que a brincadeira proporciona, lembramos do pensamento de Vygotsky (1984), onde ao falar sobre imaginação, diz esta ser uma atividade humana consciente, que surge da ação, assim, ao brincar a criança, representa e produz muito mais do que aquilo que viu. Ou seja, que numa situação imaginária, ela pode se tornar um brinquedo, isso a própria situação imaginária.

Ao brincar, a criança pode realizar os seus desejos e sonhos, e nessa brincadeira de faz-de-conta, ela passa a dirigir o seu comportamento pela imaginação, “o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias.” Dessa forma, nota-se a importância de deixar que as crianças imaginem e muito. Que esta ação se torne algo sistemático nas creches. Que os adultos ofereçam momentos, que contribuam para que as crianças possam utilizar-se dessa capacidade imaginativa e bela do criar e inventar.

Ressaltamos também a troca de experiências e interações que ocorrem entre as crianças, utilizando-nos do fragmento de registro do dia 19 de abril em que Luan e Giovane, no parque brincaram junto todos os momentos, coisa que não vínhamos registrando durante as observações. Eles quase não brincavam juntos, Luan sempre esteve muito presente com outros meninos, e Giovane mais solitário. Pareceu-nos que eles neste momento interagiram e outra vez, a brincadeira se faz importante. De acordo com Ferreira (2004: 90),

“Brincar torna-se um contexto social em que as crianças aprendem como interagir, isto é, a dialogar em alternância e sincronia, a compreender ações não literais, a criar regras

abstractas, a representar papéis complexos e hierárquicos ou reversíveis. E, ao fazê-lo, a (re) construir as relações sociais que lhes dão deferimento como sujeitos competentes e membros participantes e integrados no grupo de crianças.”

Assim, pudemos perceber a importância da brincadeira, pois as crianças para crescerem, necessitam viver e trocar com e entre pares, e aqui a brincadeira é a melhor instância para a interação. Na pesquisa de Agostinho (2003:130) encontramos importante colaboração de Corsaro, para o qual:

“A interação entre as crianças é, para além de uma condição fundamental do desenvolvimento de relações e de laços de sociabilidade _ e, por isso, um dos mais importantes factores de “educação oculta” das crianças _ o espaço onde se estabelecem os valores e os sistemas simbólicos que configuram as culturas infantis.” (grifo no original)

Buscando conhecer mais sobre a tão falada “interação” achamos interessante trazer uma definição sobre a mesma, onde concordamos com Ferreira (2004: 60):

“... as interações sociais são processos de relação, comunicação e identificação que não só permitem a negociação das definições da realidade de cada indivíduo, como facilitam a criação de entendimentos comuns acerca do significado e sentido de símbolos e acções e a sua aceitação mútua por forma a tornar bem sucedida a acção cooperativa. (...) As interações sociais base e garante dos processos de negociação, participação e aprendizagem social em actividades situadas, ao facultarem a apropriação do valor e da qualidade dos espaços, objectos, pessoas, acções, estão na génese e produção de culturas infantis locais, conferindo sentidos à vida no JI.”

O teórico Lev Vygotsky construiu o conceito de sócio-interacionismo. Em sua obra ele defende que o ser humano é o resultado da interação com o meio em que vive. Portanto, para potencializar o desenvolvimento de uma criança, é preciso que ela se relacione com outras. É dele o conceito de zona de desenvolvimento proximal, a distância entre aquilo que um indivíduo já sabe fazer sozinho e o que é capaz de realizar com a ajuda do outro. Com base nisso, depreende-se a idéia de que os pequenos precisam se relacionar não apenas com seus pares. Os mais velhos fazem coisas que os menores ainda não conseguem realizarem sozinhos e isso é um convite ao aprendizado. Podemos perceber essa interação no episódio registrado no dia 13 de abril:

“... chega uma visita pequenina a sala do I Período. É a Aline, irmã de Ingrid, que está no maternal I. Ela entra na sala e ao ver Ingrid sorri. Ingrid pega Aline e convida ela para sentar no tapete. Izabella, Stefani e Ellen chegam para falar com Aline. Ela sorri novamente as meninas. Agora todas sentadas no tapete, Ingrid senta-se no chão e coloca Aline em seu colo. Stefani passa sua mão no cabelo de Aline, ela parece gostar. Aqui, Izabella pega na mão de Aline, fala algo para ela, como estou de longe não consigo ouvir. Aline sorri e sempre desvia seu olhar para Ingrid. Stefani e Izabella continuam a fazer carinhos na Aline, passando suas mãos no rosto, cabelo, braços... Izabella levanta-se e vai até a cesta de brinquedos e pega um macaco de pelúcia e leva para Aline. Ao entregá-lo, Aline agarra o macaco e dar um largo sorriso. Izabella vem até a mim, já que percebi que estou a observá-las e fala:

“Sabia que se a gente desse o macaquinho ela ia rir!”.

Na sala onde fica o cantinho da cozinha, levam Aline para lá. Colocam-na sentada na cadeira. Ela pega alguns brinquedos, como panelinha e pratos. Parece-me que iriam iniciar a brincadeira de casinha, mas são interrompidas, para sentarem na roda e brincar de passa-anel. Voltam e senta-se na roda outra vez. Ingrid leva uma escova de cabelo para a roda. Coloca Aline sentada a sua frente e começa a pentear seu cabelo. A professora de longe observa as meninas. Izabella e Stefani sentam-se ao lado de Ingrid e Aline. A professora orienta a brincadeira, expondo as regras e inicia-se a brincadeira. Brincam uma vez, aqui, as crianças são chamadas à atenção para não quebrarem as regras da brincadeira. Débora é chamada à atenção mais de uma vez. Pois ela fala onde esta o anel. Aline brinca também, orientada por Ingrid, colocam o anel na mão dela, Ingrid segura sua mão e fecha-a bem. A criança que vai tentar descobrir onde está o anel, nem faz idéia de onde esteja o mesmo. Até que Débora diz onde está. Aqui os professores deixam à sala. Neste momento, as professoras que chegam à sala para observá-las, propõem as crianças que ouçam uma história. Mas, antes terminam a brincadeira do passa-anel. Já na roda, a professora diz que irá iniciar a história, mas para isso precisa de silêncio, caso contrário, sua garganta vai doer, porque terá que falar muito alto. Algumas estão fora da roda brincando pela sala, ela os chama. Alguns resistem, mas, acabam cedendo. Todos na roda a história se inicia.

Ingrid ainda permanece na roda com Aline, ela ouve também a história e parece estar concentrada, olha para a professora que está a contar. As meninas deixam à sala, pois os responsáveis vêm buscá-las. A professora interrompe a história, e deixa que elas saiam da sala. Ao continuar algumas crianças na roda parecem estar dispersas, se batem se cutucam, a professora chama atenção delas, especialmente num grupo de meninos que estão discutindo. Diz a eles que se não pararem ela terá que separá-los. Ao desenrolar da história percebo que as crianças demonstram mais interesse e ficam mais curiosas com a mesma, quando a professora improvisa e modifica sua voz, dando mais vida para os personagens. Arregalam seus olhinhos, ficam estáticos e parece que não existe um mundo a sua volta, estão inteiramente dentro da história. De repente, ao dar mais ênfase e tom a sua voz, algumas crianças, e neste caso, Vinícios, remexe-se na almofada, parecendo que está de perto acompanhando a história. Ajeita-se novamente na almofada e acalma-se. A contação de história chega ao seu fim. E as crianças batem palmas e sorriem.

Até que Débora diz onde está. Aqui os professores deixam à sala. Neste momento, as professoras que chegam à sala para observá-las, propõem as crianças que ouçam uma história. Mas, antes terminam a brincadeira do passa-anel. Já na roda, a professora diz que irá iniciar a história, mas para isso precisa de silêncio, caso contrário, sua garganta vai doer, porque terá que falar muito alto. Algumas estão fora da roda brincando pela sala, ela os chama. Alguns resistem, mas, acabam cedendo. Todos na roda a história se inicia. Ingrid ainda permanece na roda com Aline, ela ouve também a história e parece estar concentrada, olha para a professora que está a contar. As meninas deixam à sala, pois os responsáveis vêm buscá-las. A professora interrompe a história, e deixa que elas saiam da sala.”.

(Registro do dia 13/04/2005, Ana Carolina)

Percebemos também, o quanto é importante proporcionar uma troca de experiências com crianças de diferentes idades, e foi o que aconteceu no episódio

do registro citado acima, quando Aline veio até a sala do I Período. Além é claro de fazer com que as irmãs tenham um outro contato, a não ser aqueles de entrada e saída da creche, e momentos de festas e a hora do parque. Esse encontro com crianças de idades diferentes favorece uma interação, uma troca entre pares. A interação favorece a construção do conhecimento e muito mais que isso, do seu próprio crescimento como pessoa, como sujeito. Foi o que observamos quando Aline, Ingrid, Stefani e Izabella, fizeram ao estarem ali juntas naquele espaço e momento do dia na creche. Pareceu-nos em todos os momentos, que essas meninas estavam alegres, contentes e satisfeitas de estarem juntas. De acordo com a foto num momento da educação física onde as turmas permaneciam juntas num mesmo espaço, aqui crianças do Primeiro Período e Grupo Misto:



Às vezes pensamos que no brincar tudo gira em torno do prazer, nem sempre, muito as crianças “sofrem” para fazer parte de um grupo. Ao não conseguir brincar junto num primeiro momento com o grupo de meninos (Dudu, Willian,) João Pedro por sua vez fica junto de um amigo, o Vinícios, logo após vai tentar brincar com o grupo agora menor de meninos e outra vez é barrado. E fazer amizades, interagir não é algo fácil, sereno e tranquilo, requer conflitos, acordos, estratégias.

Durante as observações percebemos que o brincar e o convívio social são muito importante para a humanização e aprendizado, eles ensinam, segundo Oliveira (2000: 17),

“... ao escolher, a assumir, a participar, a delegar e postergar, a criança vive a interação com

seus pares na troca, no conflito, no surgimento de novas idéias, na construção de novos significados, na interação e na conquista das relações sociais, o que possibilita à criança a construção de representações. Com isso, as crianças, sujeitos de um cenário concreto, social, histórico e cultural, vão se constituindo como tais.”

No recorte do registro do dia 11 de maio, percebemos esta busca para ser aceito no grupo:

“No parque... a turma do I Período chega ao parque e nenhuma outra turma tinha chego. As crianças vão procurando maneiras de se interagirem com o espaço e com os objetos, uns no balanço, outros na casinha, alguns ainda procuram algo, param ficam olhando. William vem para o parque com uma máscara, ele vai até o escorregador, João Pedro logo após também chega, vem com Dudu e Vinícios. Anda junto com esses meninos, aqui ele fala:

“Quem sabe subir naquela árvore? Eu consigo!”

Os outros meninos olham para árvore, e andam pelo parque, dirijo meu olhar para João Pedro ele me chama atenção, parece que quer brincar estar junto desses meninos, ou quer algo que estes têm. Vinícios veio para o parque fantasiado de Homem Aranha, ele está com a máscara desse personagem. João Pedro vai perto de William e diz:

“Oh William não é que quem não tirar a máscara não pode ir à árvore?”

William: “Pode sim!”.

João Pedro: “Usa um pouco meu boné Dudu!”.

Aqui Dudu pega o boné e coloca em sua cabeça, João Pedro anda ao lado de Dudu, eles vão para perto da árvore, William para e ajeita a máscara. João Pedro olha intensamente para William mais especificamente para sua máscara. João Pedro para, coloca sua mão no bolso, e pede a máscara para William, esse se afasta de João Pedro e não responde nada. João Pedro vai até Dudu e fala:

“Oh Dudu o William não quer dar minha máscara! Diz pra ele dar Dudu!”

Aqui Dudu não fala nada, parece que estão combinando de brincar de algo, não consigo ver as combinações já que os meninos se afastam, João Pedro anda ao lado de William, este vai até a casinha sobe nela, os outros meninos também sobem nela. Lá em cima olham para os carros que passam João Pedro de longe os observa. Descem da casinha William ainda com a máscara, corre junto com Vinícios e Dudu, João Pedro vem atrás deles, mas andando não corre. William agora para e senta no chão, ajeita outra vez a máscara, João Pedro vem até a ele e diz:

“Eu sou teu amiguinho né?”

William: “É!”

João Pedro: “Se tu me der isto ai, amanhã eu te compro um chiclete!”

Aqui, William não fala nada e se afasta João Pedro o persegue, e falando para Dudu enquanto estes andam juntos:

“Dudu, ele não quer dar a máscara!”

Nesse momento, William se afasta do grupo de meninos, Dudu o acompanha, e estes pegam carrinhos para brincarem, agora no parque outras turmas já tinham chego. João Pedro e Vinícios sobem na árvore, ficam sentados observando o lado de fora da creche. Vinícios desce da árvore e vai atrás de William chega perto dele e tira sua máscara. Corre para a árvore onde João Pedro está sentado, sobe e entrega a máscara a ele. João Pedro dá um sorriso intenso. William vai até lá e pede para João Pedro devolver a máscara esse diz que não, a não ser que ele suba na árvore, e coloca a máscara num galho acima de sua cabeça, dificultando ainda mais que William tente dar pulos e pegue a mesma. William não conseguindo, sai chorando e vem até a professora para contar o que aconteceu. João Pedro e William vendo que este iria falar para a professora, devolvem a máscara para o mesmo. Aqui William vai até Roger e os dois saem para brincar de carrinho, João Pedro e Vinícios ainda continuam na árvore, de repente eles descem dela. Vou atrás deles, e João Pedro vai até William. Este está parado com seu carrinho, João Pedro pega um martelo que caiu do carrinho, mas William pede para ele devolver. William sai com Roger e vai até a casinha, sobe com o carrinho e escorrega pelo escorregador, João Pedro fez o mesmo caminho que

este. Mas William não o deixa brincar, eles agora no chão saem correndo e vão até a outra casinha menor, nela estão Dudu, Stefani e Vinícios. Brincam de pega-pega. João Pedro pega seu boné que estava com Dudu, ele sobe na casinha pela “ripa de madeira”, em vez de subir pela escada. Ao subir parece que vai pegar a corda, mas Dudu fala:

“Eu vou desamarrar a corda!”

Seu boné cai e desce para pegar. Ao pega-lo da para Dudu novamente. Dudu, Vinícios e João Pedro descem da casinha e saem correndo atrás de Stefani. Aqui William e Roger se afastam e vão brincar em outro lugar. João Pedro vendo que Dudu e Vinícios tinham como objetivo pegar a Stefani, este sai correndo mais depressa e agarra a mesma. Ela o empurra, e franje a testa demonstrando que não gostou. Ele a olha, e diz para Dudu:

“Eu peguei ela viu?”

Dudu sai correndo e Vinícios vem atrás dele, ambos vão pegar Stefani que sai correndo e vai para a casinha maior. João Pedro outra vez parece não conseguir entrar na brincadeira.”

(Registro do dia 11/05/2005, Ana Carolina)

As crianças passam grande parte do tempo que estão na creche fazendo interações: criança-criança, criança-adulto..., é nos momentos de brincadeiras que percebemos que isso fica mais evidente, elas podem buscar aqueles que têm mais afinidade para brincarem. A autora Faria (1999, 78) nos fala que a *“criança gosta de ficar sozinha, gosta de ficar com adultos, mas do que ela mais gosta é de ficar brincando com seus pares”*. Como é o caso do Luan e do Carlos Eduardo que estão quase sempre brincando juntos:

“Agora no parque dirijo meu olhar para Luan e para Carlos Eduardo, estes estão brincando de carrinho. Cada um pega seu carrinho no cesto de brinquedo, saem passeando pelo parque, dando voltas, por todos os cantos, Luan coloca seu carrinho na frente de Carlos Eduardo, e este por último respectivamente. Empurram os carrinhos, entram no túnel, saem, Luan continua na frente, Carlos Eduardo vem atrás de Luan. Luan bate com o carro no pé de Dudu. Aqui param na frente do túnel, e Carlos Eduardo fala:

“Tem que esperar um monte né Luan?”

Luan: “É um monte da corrida né? Espera, espera! Um, dois, três, quatro, cinco, vrum...”.

Entram no túnel, Luan continua indo na frente, passam pelo túnel, vão empurrando os carrinhos, passam por debaixo da casinha, Carlos Eduardo vão sorrindo, Luan, morde a língua, como se estivesse passando por lugares difíceis, ou melhor, que proporcionassem naquele momento, uma sensação de perigo, de desafio. Passam perto da gangorra, dos balanços e voltam para perto do túnel, agora Carlos Eduardo esta na frente e Luan atrás dele. Ao passarem por Ellen, esta que está parada ao lado dos balanços, ela estende o pé na frente de Carlos e diz que para passar, terá que dar um dinheiro, ele não concorda, ela fala que pode ser dinheiro de areia.

Ellen: “Tem que dar dinheiro!”.

Carlos Eduardo: “Não tenho!”.

Ellen: “Ah, pode ser de areia assim oh!” Aqui ela pega um punhado de areia e mostra para Carlos.

Carlos Eduardo: “Ta bom, tomo aqui seu dinheiro!” Ele pega um pouco de areia e dá para Ellen.

Enquanto isso, Luan está parado atrás de Carlos Eduardo, olha o que ele esta fazendo com Ellen, tosse, e passa em seguida, só que ele não para, Ellen não tira o pé, e diz que tem que dar dinheiro, ele vira seu carrinho, e com rapidez passa pelo lado dela, Ellen olha e não comenta mais nada. Luan passa na frente de Carlos Eduardo, esbarra no mesmo, eles se

olham, e riem, saem bem rápido produzindo sons de carros, Carlos Eduardo vem para entrar no túnel, Luan vai pelo outro lado e entra no sentido contrário de Carlos Eduardo, eles se entre olham dentro do túnel dão risadas e entram, aqui resolvem parar lá dentro do túnel, ficam um tempo e saem pela mesma saída. Andam outra vez juntos, Luan na frente e Carlos atrás dele, vão até a gangorra, dão a volta nela, Carlos Eduardo, para e Luan continua não vê que seu parceiro parou Carlos Eduardo, larga o carro e pega na corda pendurada na árvore, larga a mesma, pega seu carro no colo e carrega-o consigo, aqui vai até Luan, Luan continua a empurrar o seu carrinho, passam por Nathália, olham para ela, ela passa e eles continuam a caminhar, Carlos Eduardo, pega seu carrinho e coloca no escorregador, empurra para cima e para baixo, ao empurrar outra vez para cima, larga o carrinho e deixa-o escorregar até embaixo, Luan olha para Carlos Eduardo, e fica parado agachado segurando seu carrinho. Carlos Eduardo sai, vai com seu carrinho segurando na mão, andando agora em pé, pega na cesta de brinquedos 3 baldes que estão um dentro do outro, leva-os até onde está a corda pendurada, ainda continua com seu carrinho também, coloca os baldes no chão e tenta subir neles para alcançar a corda. Aqui larga seu carrinho no chão, não consegue pegar a corda, desiste e pega seu carrinho e volta a empurrá-lo. Luan, nesse período ficou brincando, dando voltas pelo parque, entrou mais duas vezes no túnel, fez som de carro, ao sair às duas vezes do túnel, aqui desfaço minha observação e me dirijo a reunião com os profissionais da creche. E os meninos continuam a brincar.”

(Registro dia 26/04/2005, Ana Carolina)

Ficamos curiosas para saber como surgiu essa amizade, eles brincam grande parte do tempo juntos, são poucos os momentos que vão para outros grupos ou formam outros pares, isso nos fez lembrar Manuela Ferreira que nos diz: “... *encontrar um amigo ou fazer um amigo pode ser uma forma de ao estar com alguém, se criarem proximidades afetivas e sociais (...) daí a ter um amigo com quem se desenvolvem ações comuns possa ser entendida como sinônimo de ter acesso à cultura de pares, ou de aí manter ou prolongar as atividades preferidas...*” (2004: 76/77).

Agostinho (2003: 130) aborda sobre a importância dessa interação:

“No encontro, na interação social é que a criança constrói conhecimento e a si mesma como sujeito, hominizando-se, de acordo com a abordagem sociointeracionista de Vigotsky, Wallon e outros. O sociólogo Manuel Jacinto Sarmento (2002) nos fala da importância das interações para a formação da identidade pessoal e social da criança. Então, vejo a importância de que o espaço da creche seja pensado creche, organizado e disponibilizado de forma a garantir e oportunizar a maior gama de encontros possíveis, entre adulto-criança, criança-criança e entre os adultos.”

Outro fator fundamental para a reflexão da temática da interação entre crianças no interior das instituições de educação infantil, diz respeito à presença e participação dos educadores nos momentos de brincadeiras, sejam estes dentro da sala ou fora dela. Sabe-se da importância que a presença do educador faz nesses

momentos, as crianças nos mostram isso. Mas, ter a capacidade de conhecer a importância do brincar é um passo fundamental para que esta “presença” não se torne algo impertinente. Segundo Agostinho (2003: 76),

“Nós, adultos, temos na brincadeira com as crianças a oportunidade de conhecê-las e de nos “re” alfabetizarmos nas diversas linguagens, resgatando as diversas dimensões humanas que fomos embrutecendo em nós, quase esquecendo-as ao nos tornar adultos, encorajados pela lógica do mercado, competitivo, sério, sisudo. Estar com as crianças, longe de ser uma perspectiva romântica, representa uma possibilidade concreta que temos para aprendermos e reaprendermos com elas.”

Estando junto com elas, e brincando junto, podemos estabelecer uma troca profunda e cheia de sentidos nestes atos. Ao mesmo tempo em que a criança poderá buscar algo nesta vivência, o adulto também poderá aprender muito sobre essa criança. O brincar é uma atividade importante para as crianças, e quando somos convidados a participar desse brincar, temos que nos envolver totalmente, e não simplesmente fingir que estamos brincando. Por isso, o adulto deve estar com as crianças sim, e perceber o quanto para elas também é prazeroso que estejamos junto com seus pares. Tomamos por base o fragmento de registro do dia 14 de abril:

““Nesse momento, Nicolas vem até mim e diz:

“Oh, vou pular na água.”.

Eu: “Na água?”.

Aqui, junto dele vem Leo e Vinícios. Sobem no cano de cimento e pulam um de cada vez no chão, dizendo estarem pulando na água. Roger me chama e pede para sair do balanço.

Nicolas me chama e diz:

“Vem Carol, pula também!”

Eu: “Posso mesmo meninos?”.

Vinícios: “Pode né!”.

Roger: “Eu também posso pular?”.

Nicolas: “Claro, anda vamos todos subir ali!”.

Todos sobem no cano, e um de cada vez pula no chão, fico por último, e percebo que eles ficam na expectativa para ver se realmente vou pular. Eu dou um salto fazendo que vou mergulhar, eles soltam uma gargalhada generalizada. Eu acabo caindo também na gargalhada, repetimos outra vez o salto. Nicolas, Vinícios, Leo e Roger se jogam no chão mesmo, se arrastando, como se estivessem realmente tomando um banho de mar. Nossa, as suas expressões de alegria me contagiaram, sorriam, davam gargalhadas e chegavam a prender a respiração para dar o mergulho. Definitivamente, estávamos na praia. E olha que valeu a pena já que o dia era de praia mesmo! Nicolas fala:

“Hei, olha o mar!”.

Todos gritam, e pulam ao mesmo tempo, e claro que vou com eles também, e dou meu pulo. Nicolas sugere que pulássemos de costas, todos concordam e lá vamos nós. No embalo do mar.”

(Registro do dia 14/04/2005, Ana Carolina)

Dessa maneira, percebemos que no dia 27 de abril, num momento de brincadeira no parque, enquanto os bebês do Berçário permaneciam juntos com outras turmas, como no caso a turma do Primeiro Período, duas das crianças (Primeiro Período), não tiveram a oportunidade de estabelecer um contato maior e duradouro com os bebês. Aqui nota-se que a intervenção da educadora neste momento foi equivocada ou apressada, ficando para nós o desafio de nos sensibilizarmos cada vez mais para este encontro com as crianças:

“... percebo que Roger vai para perto dos bebês. Chega, ainda de pé, olha para os bebês, sorri, e rapidamente senta no tapete, perto de uma menina, ele de frente para ela passa a mão no seu rosto, no cabelo, sorri e parece estar falando algo com a mesma. Pega na mão da menina, novamente passa a mão em seu rosto, sorri constantemente para a menina. Ela parece estar gostando, e dá um sorriso largo e contagiante. Nesse momento chega a Fernanda, também do I Período. Ela observa Roger e ele fala:

“Essa é minha irmãzinha!”

Fernanda mexe no cabelo dela, deslizando sua mão sobre eles, em seguida pega na mão da menina, Roger continua ali, agora pega na mão de outra menina que está ao lado dessa menina, Fernanda levanta-se rapidamente, e vai tentando desviar dos bebês para chegar até outra criança ali sentada no tapete. Roger volta a sentar perto da menina. Chega mais perto dela, abaixa sua cabeça e olha de baixo para cima para o rosto da menina, ela sorri, e tenta pegar o rosto de Roger. Continua a sorri, Roger tenta aproximar seu rosto do dela, parecendo que vai beijá-la. Fernanda volta para perto de Roger, ele continua ali perto de sua irmã, ela começa a chorar, a professora retira-a. Agora Roger, desvia seu olhar para sua irmã que está no colo da professora, ele continua sentado, Fernanda também, uma outra menina que está no berço-conforto começa a chorar, Roger e Fernanda, se movimentam, arrastando seus bumbuns para perto da menina, aqui, Roger pega na mão da menina, ela continua a chorar muito, Fernanda abraça-a. Roger olha para a menina e começa a virar a cabeça para lá e para cá, tentando fazer com que ela olhe seus movimentos, ela sorri, aqui a professora pede que eles saiam do tapete e diz: “Essa interação não vai dar certo!”

... continuando a observar Roger e Fernanda, agora os dois saem do tapete, e vão até o carrinho onde está o menino, lá, Roger parece que vai se abaixar, apóia suas mãos nos joelhos, sorri para o menino, Fernanda também chega, e ao tentar passar a mão no rosto do menino, é surpreendida pela professora novamente, pedindo para eles saírem e irem brincar em outro lugar. Roger se afasta, olhando para trás e dando um último olhar. Eu continuo sentada na gangorra, Roger vem até a mim e senta-se no outra ponta da gangorra, ele fala:

“Aquele era minha irmãzinha sabia?”

Eu: “Não Roger, qual o nome dela?”.

Roger: “É Ana Beatriz, mas pode chamar de Bia!”.

Aqui as professoras retiram os bebês e estes vão para a sala, Roger continua a olhar para sua irmã, até ela sumir do parque”

(Registro dia 27/04/2005, Ana Carolina)

É através da interação que a criança formará sua identidade pessoal e social, assim, a creche deve proporcionar que suas crianças vivenciem essas interações. Sabemos que na instituição de educação infantil somos responsáveis pela proteção das crianças, lidamos com o binômio atenção/controle. Talvez tivéssemos que pensar momentos de aprofundamento/estudo sobre a temática para abrir mais

nossos olhos, enquanto educadoras de crianças pequenas.

Nesta busca pela procura do outro, como Agostinho (2003) traz em seu estudo, o caminho que as crianças percorrem para estar juntos de seus pares. E quando a autora fala deste movimento de ir ao encontro, com ou sem pressa... fez-nos lembrar de momentos em que algumas crianças mesmo que solitárias, sem pressa, aos poucos iam atrás de outros, outras. De acordo com Agostinho (2003: 128):

“Buscar o outro, seja esse outro menino, menina, grande, pequeno, branco ou negro, colega ou desconhecido, assim percebi o movimento das crianças indo à busca de encontros, de trocas, com outras crianças e adultos. Com pressa apressada, com pressa só pressa, ou com calma bem calma ou ainda calma só calma, lá iam elas se encontrarem com o outro, que às vezes era outra, outros ou outras, reafirmando em suas ações, gestos e buscas desse outro nossa humanidade social.”

Assim, trouxemos um fragmento de registro do dia 03 de maio, onde Carlos Eduardo interage na brincadeira, com outras crianças (meninos, meninas), com os adultos e com o espaço e objetos, porém, não se entregando “totalmente” no brincar, vejamos:

“Assim procuro um grupo de crianças para direcionar meu olhar. Na casinha ainda permanecem algumas crianças, observando a brincadeira, Luan e Carlos Eduardo estão sentados na casinha, Luan olha para as crianças que estão se pintando, coloca a língua para fora, morde ela e ri. Carlos Eduardo colocou uma fantasia, mas está sentado perto de Luan, parece não querer ir brincar. As crianças resolvem levantar-se e vão para a ponte, lá pulam, dão gargalhadas, parecendo estarem olhando para as outras crianças que brincam na festa da bruxa. Pelo grande numero de crianças em cima da ponte, não consigo detalhar minuciosamente cada movimento, fala gesto, penso então em afunilar meu olhar para Carlos Eduardo já que me chama a atenção por ele estar fantasiado mais não quis entrar na brincadeira, ou melhor, o seu corpo não estava presente lá na festa, mais seu olhar não desgrudou um só segundo dela.

Ele ainda continua na ponte, segura com as mãos o corrimão, dá um sorriso pequenino, lá no chão começa a dança da cadeira, ele dirige seu olhar para a dança, fixamente. Ao aumentarem o som, ele pula duas vezes e agora dá um sorriso largo e alegre. E ao abaixarem o som, ele para olha se abaixa, espiando agora pelas cordas que existem no corrimão da ponte (proteção para que as crianças não caiam). Carlos Eduardo desce da ponte, pela escada, e vai para debaixo do chapéu da bruxa. Fica lá um tempo, olha para as crianças, para, segura seu colete (fantasia) com as duas mãos juntas. Levanta até o chapéu, e sai. Vai para perto da escada da casinha, olha o que eles estão fazendo, ele só olha, segura seu colete, sai e vai até o túnel, lá ele se senta. Continua a olhar, cruza a perna, mexe no tênis. Agora se levanta e sai, corre até a rampa e se entrega na brincadeira, pega na mão de uma menina já que agora como a dança da cadeira acabou, estão correndo pelo parque com as bruxas, Débora parece ser a bruxa boa e Fernanda a bruxa má, que quer pegar as crianças.

Mas não fica segurando a mão da menina nem por um minuto, larga e vai para o escorregador, sobe fica sentado na casinha, senta-se de perna cruzada, olha para as bruxas,

ele agora parece estar assustado, arregala os olhos ao ver que a bruxa vai pegar uma criança. Depois que ele a solta, ele sorri, vem para a grade de proteção, olha para a bruxa que continua a correr atrás das crianças, vira-se para o lado, os olhos continuam ainda na bruxa, sua cabeça acompanha o movimento dela. Senta-se perto do escorregador e escorrega indo ao encontro da Débora (estagiária). Olha de longe ainda sem chegar perto dela, aproxima então e a acompanha. Ao passarem perto da ponte ele sobe novamente. Somente sobe parecendo que estava fugindo de algo, ou melhor, aqui da bruxa que estava correndo atrás das crianças para pegá-las, e desce. Volta a se integrar com as crianças que estão correndo com a Débora (estagiária). Ele para e tira seu colete, vai até a sala e guarda sua fantasia. Deixa a brincadeira, até porque muitas crianças já estão entrando na sala.”

(Registro do dia 03/05/2005, Ana Carolina)

As crianças possuem ritmos, gostos, modos de ser diferentes. Carlos Eduardo teve a oportunidade de estar brincando, interagindo com outras crianças nesse momento, porém, o fez de longe, apenas ao observar. Até tentou duas vezes se integrar no grupo de crianças que brincavam, mais, desistindo. Percebemos que não é em todos os momentos das brincadeiras que as crianças, estão com vontade de estar diretamente ligada a ela, ou seja, que mesmo na ação de observar, Carlos Eduardo, brincou sim, pois num espaço podemos estar com o outro ou sozinho como nos referimos acima, quando trouxemos o exemplo de que as crianças gostam também de ficar sozinhas. E ainda nos mostra o momento em que Giovane brinca na sala com fantoches:



Outro ponto que achamos interessante salientar é justamente este, onde se verifica nesse querer da criança, o seu reconhecimento de que são sujeitos de direitos, que possuem vontades e desejos. Às vezes de estarem com outros, às

vezes de estarem sozinhas. Por isso, conhecer as crianças é fundamental. De acordo com Perrotti (1990: 12),

“A criança é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com estas categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele. (...) não é um simples organismo em mudança, não é apenas uma quantidade de anos, um dado etário, mas algo bem mais complexo e completo.”

Essa abertura de levar em conta o que elas têm a dizer é muito importante. Os estudiosos da área buscam a esta consciência, verificando que as crianças sendo uma fase da vida humana, interagem com a cultura, se apropriam dela mais a modificam, vivenciando este período de acordo com suas especificidades, não são seres passivos. É necessário ouvir a voz e dar vez às crianças, observar e pesquisar, pois a infância tem nos ensinado que as crianças são atores sociais porque interagem com as pessoas, com as instituições, reagem frente aos adultos e desenvolvem estratégias de luta para participar no mundo social. A partir dessa afirmação de Batista, Cerisara, Oliveira e Rivero (2002: 8):

“Os estagiários e professores, agindo como pesquisadores, partilhavam suas impressões sobre a realidade captada, descobrindo diferentes olhares sobre uma mesma situação, e talvez formassem diferentes proposições para ampliar os repertórios culturais dos grupos infantis de forma individual e coletiva. Este processo envolve a construção de um espaço efetivo de compartilhamento de diferentes olhares e saberes sobre as crianças pequenas.”

Consideramos o estágio um momento muito importante, de construção de um olhar de pesquisador, onde estivemos envolvidas num processo de observação, registros e reflexões sobre o cotidiano das crianças nos espaços da creche, dando notabilidade maior as interações das crianças nas brincadeiras de faz-de-conta . Fizemos algumas descobertas , além do estágio nos oferecer algumas respostas e propostas sobre o cotidiano das crianças em suas relações com os outros e o meio, nos permitiu ampliar os saberes e compreensão dos jeitos de ser criança .

A instituição nos ensinou com seus muitos momentos e espaços que foram pensados, onde presenciou-se uma tentativa de proporcionar uma vivência entre as crianças, e estas com os objetos, os adultos e é claro outras crianças através de

suas propostas e atividades que favorecem a interação das crianças nos vários momentos em que estão no convívio da creche, nos fazendo entender que nos espaços as pessoas se movimentam, executam atividades e estabelecem relações sociais, reconhecendo umas as outras.

Nesta tentativa de compreender a importância do convívio das crianças entre seus pares, para a sua socialização e integração, além de percebermos que a brincadeira e neste caso, a brincadeira de faz-de-conta se faz necessária para a contribuição de uma interação, é possível notar em nossos registros, que o espaço na creche é outro fator que faz diferença para que a interação, as relações sociais humanas aconteçam.

A essência do fazer de conta é de acordo com o trabalho de Vygotsky, a construção de uma nova relação entre o imaginário e a realidade por parte do sujeito. Assim, quando a criança brinca de faz-de-conta, ela não somente dá sentidos as suas ações, porém, encontra o significado cultural da infância. Esse brincar, remete a uma atividade humana de construção social. Conforme Bomtempo (1999: 69/70),

"O fantástico, o imaginário, expressos na brincadeira da criança quando fala com um cabo de vassoura "como se" fosse um cavalo, fica zangada com seu cãozinho imaginário porque faz sujeira no tapete da mamãe ou transforma a pedra em pássaro, mostram uma mistura de realidade e fantasia, em que o cotidiano toma outra aparência, adquirindo um novo significado."

A importância do faz-de-conta para o crescimento da criança, se apresenta necessária porque ela exercita as situações e papéis culturais do meio em que vive, já que ela, a criança, recorre a representações provisórias desses eventos, papéis, personagens e coisas neste intrigante tipo de atividade lúdica.

Sabemos é claro que a interação não diz respeito apenas ao encontro com o outro, mas com o espaço, com os objetos. Conforme Agostinho (2003: 137),

"Também poderá proporcionar pleno exercício de solidariedade e cooperação, compreensão e respeito pelas diferenças entre crianças, profissionais e famílias, tornando nossas vidas mais plurais, ricas e heterogêneas nesse encontro de diferentes racionalidades, reverberando para o mundo um projeto de sociedade que se contraponha ao modelo hegemônico,

homogêneo e autoritário que temos pesando sobre nossas corpos e sentimentos, um lugar onde todos tenham direito, espaço e tempo de se encontrar.”

Pensar então o espaço para que ele ofereça condições das crianças construírem relações sociais, demanda estudo, reflexões e estas, partam da compreensão que nesse espaço da creche, “abriga” uma gama intensa de crianças diferentes umas das outras, uma verdadeira heterogenia. Ainda de acordo com Agostinho (2003: 91),

“As crianças vão interagindo com o espaço dando a ele significados diferentes, criando o novo, a partir do que está disponibilizado materialmente e imaterialmente, que são suas idéias, pensamentos, imaginações e fantasias, convidando-nos a resgatarmos nosso *homo ludens*, lançando sobre nós seu feitiço, fascinando-nos e cativando-nos, cheio de ritmo e harmonia. Nestes outros sentidos e significados que vão empregando no espaço e em tudo que nele está contido, as crianças vão indicando para o espaço da creche *um lugar para brincar*, onde o sonho e a fantasia são possíveis, aguçando em nós o desejo de que elas nos enfeitem.”

Esperamos que esta produção possa colaborar para que os professores e estagiários das instituições de Educação Infantil, partindo de suas próprias compreensões sobre “as interações das crianças nas brincadeiras de faz-de-conta”, comecem a pensar em uma pedagogia da infância que garanta o direito a infância.

Portanto, a infância que desejamos é a que tenha, além de casa, comida, carinho, saúde e educação, um tempo e um espaço de brincar e se relacionarem com outros garantidos. E cabe a cada um de nós, especialmente como educadores, tentarmos romper com alguns paradoxos da infância, permitindo e favorecendo o brincar e momentos de interação e trocas. Esse pensamento soma-se a nossa idéia de que as interações são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e social das crianças na busca da afirmação do seu “eu” e principalmente na construção de sua identidade social.



Estas interações segundo nossa pesquisa foram propiciadas na maioria das vezes pelo convívio nas atividades da creche, percebemos então o quanto é importante que a comunidade da instituição esteja convicta dessa importância para que os espaços da creche sejam ricos e pulsantes afirmando assim a nossa intenção maior que é de mostrar em nosso artigo um pouco, falamos “pouco”, porque esse tema não se encerra aqui, é apenas um começo para muitos estudos sobre “as interações” e assim possamos construir subsídios para uma Pedagogia da Educação Infantil respeitosa.

Referência Bibliográfica:

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O Espaço da Creche: que lugar é este?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ARIÈS, Phillipe. **História Social da Infância e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BOMTEMPO, Edda. **A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário**. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1999.

CERISARA, Ana Beatriz, OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de Oliveira, RIVERO, Andréia Simões, BATISTA, Rosa. **Partilhando Olhares sobre as Crianças Pequenas: Reflexões sobre o Estágio na Educação Infantil**. Revista Eletrônica Zero-a-Seis, Florianópolis, v. 05, 2002.

FARIA, Ana L. G. **O Espaço Físico como um dos Elementos Fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil**. In: **Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Editora autores associados/UFSC/UFSCar/UNICAMP, 1999.

FERREIRA, Manuela. **Do “Averso” do Brincar ou... as Relações entre Pares, as Rotinas da Cultura Infantil e a Construção da (s) Instituinte (s) das Crianças no Jardim-de-Infância**. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Porto: Asa, 2004.

OLIVEIRA, Vera B. (org.) **O brincar e a criança do nascimento aos seus seis anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PERROTTI, Edmir. **A criança e a produção cultural: apontamentos sobre o lugar da criança na cultura**. In: ZILBERMAN, Regina (org). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. **As crianças e a Infância: definindo conceitos, delimitando o campo**. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (orgs). **As crianças – contextos e identidades**. Portugal: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança – CEC, 1997, p. 9 – 30.

_____. **Crianças: educação, culturas e cidadania activa**. Projeto de pesquisa. Universidade do Minho: Portugal, 2002 (mimeo).

VYGOTSKY, Lev Seminovich. **O papel do brinquedo no desenvolvimento**. In: **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

